

O INTERTEXTO EM EMICIDA

Roberto Batista Henrique
robertohenrique53@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7233421125700869>

RESUMO

Este artigo propõe-se a analisar a intertextualidade presente na música do *rapper* Emicida e sua repercussão em uma aula de língua portuguesa da 2ª Série do Ensino de Médio de uma escola pública do Estado de São Paulo. O objetivo é apontar que uma obra produzida no século XIX pode, dependendo do suporte, causar comoção ao leitor no século XXI, principalmente tratando-se de jovens que possuem pouco contato com a poesia do século XIX ou mesmo neste século XXI. A inquietação nasceu a partir da necessidade de se estudar poesia em um mundo cada vez mais tecnológico no qual nos encontramos. Percebemos que a poesia não ocupa lugar de destaque nas abordagens curriculares e quando o fazem, torna-se vazio de sentido para jovens que estão com a formação psicológica em desenvolvimento e preocupados com um trabalho que lhes renda uma miséria em salário para poderem se sustentar e ajudar seus pais. Abordaremos Bakhtin (1992), Koch (2006), dentre outros.

Palavras-chave: Intertextualidade; Emicida; Poesia; Leitura

Bakhtin (1992) afirma que cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados e que em uma escrita depende muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para Koch e Elias (2006), esse conhecimento é de fundamental importância no processo de compreensão e produção de sentido. Sendo assim, ao inserirmos uma música do gênero *rap* em uma sala de aula de Língua Portuguesa, em uma 2ª Série do Ensino Médio, poderíamos nos valer da intertextualidade presente na música a seguir:

Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena

A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase

Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
"Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei"
O abutre quer te ver de algema pra dizer:
"Ó, num falei?!"

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão

Ela quis ser chamada de morena
Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena
A raiva insufla, pensa nesse esquema
A ideia imunda, tudo inunda
A dor profunda é que todo mundo é meu tema
Paisinho de bosta, a mídia gosta
Deixou a falha e quer migalha de quem corre com fratura exposta
Apunhalado pelas costa
Esquartejado pelo imposto imposta
E como analgésico nós posta que
Um dia vai tá nos conforme
Que um diploma é uma alforria
Minha cor não é uniforme
Hashtags #PretoNoTopo, bravo!
80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
Quem disparou usava farda (Mais uma vez)
Quem te acusou nem lá num tava (Banda de espírito de porco)
Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada:
Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada

Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
"Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei"
O abutre quer te ver drogado pra dizer:
"Ó, num falei?!"

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
Infelizmente onde se sente o sol mais quente

O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente
Quis ser estrela e virou medalha num boçal
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
Um primeiro salário
Duas fardas policiais
Três no banco traseiro
Da cor dos quatro Racionais
Cinco vida interrompida
Moleques de ouro e bronze
Tiros e tiros e tiros
O menino levou 111
Quem disparou usava farda (Ismália)
Quem te acusou nem lá num tava (Ismália)
É a desunião dos preto junto à visão sagaz (Ismália)
De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais

"Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na torre a sonhar
Viu uma lua no céu
Viu outra lua no mar
No sonho em que se perdeu

Banhou-se toda em luar
Queria subir ao céu
Queria descer ao mar
E num desvario seu
Na torre, pôs-se a cantar
Estava perto do céu
Estava longe do mar
E, como um anjo
Pendeu as asas para voar
Queria a lua do céu
Queria a lua do mar
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par
Sua alma subiu ao céu
Seu corpo desceu ao mar"

Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
"Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei"
O abutre quer te ver no lixo pra dizer:
"Ó, num falei?!"

(MOREIRA, SAMAM, EMICIDA, 2019)

Para Koch e Elias (2006), a intertextualidade é um dos grandes temas a que se tem dedicado a Linguística Textual. Por essa razão, há diversos estudos e pesquisas voltados ao tratamento do assunto. Para nossa análise, utilizaremos a intertextualidade presente na música

acima. Nesse caso, segundo Koch e Elias (2006), ocorre a intertextualidade explícita, que acontece quando há citação da fonte do intertexto (KOCH; ELIAS, 2006, p. 87). Na música de Emicida, o título da canção *Ismália* é um título homônimo de um grande poeta do Simbolismo brasileiro, Alphonsus Guimarães (Afonso Henriques da Costa Guimarães, Ouro Preto-MG, 1870 – Mariana-MG, 1921).

Para Bosi (2015), Alphonsus de Guimarães foi um poeta de um só tema: a morte da amada. Nele, centrou as várias esferas do seu universo semântico: a natureza, a arte a crença religiosa. (BOSI, 2015, p. 311).

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu, Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que
Deus lhe deu Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...
(GUIMARAENS, 2001)

Para O'Hara, (2014),

Nesse universo simbolista, observa-se a presença de imagens e ícones bem característicos do momento literário em que o poema foi escrito. De antemão, cabe ressaltar os elementos sombrios, que envolvem a temática; algumas figuras de linguagem relativas à sonoridade do texto, bem como a antítese; a subjetividade explícita, sem qualquer anseio pela razão; a representação da lua enquanto objeto de tensão e de desejo. (O'HARA, 2014, p. 2)

Sombria é a vida da mulher negra da periferia: na primeira estrofe, o eu-lírico se coloca em cena e de forma pessimista, pensa:

Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase...

O gol é a vida da mulher pobre e negra das periferias das grandes cidades do Brasil. É a Ismália da vida real, que não vê perspectivas de melhoras em sua condição social, principalmente, as mulheres, como foi mencionado na pesquisa do IBGE de 2020.1A questão social do negro é trazida à tona com um advérbio de intensidade: *quase*.

No refrão podemos perceber mais claramente a intertextualidade presente nos versos de Emicida. Veja:

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Ter pele escura é ser Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
(Terminou no chão)

Segundo Koch e Elias (2006), identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura.

Para o aluno em processo de formação, diríamos, que não seja tão claro assim a intertextualidade presente no refrão da música. Principalmente, por trata-se de um poema do século XIX que poderá fazer sentido, ou não, hoje em dia em nossa sociedade. Por isso, a professora/o deve ficar atento ao fazer poético e não menosprezar uma música ou versos por puro desconhecimento de seu assunto.

A linguagem

Segundo Ilari e Basso (2006), na história do português do Brasil, a contribuição das línguas africanas é fundamental. Os versos seguintes dão a conotação de exclusão dos negros e suas linguagens. Veja:

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele

Para Ilari e Basso (2006), as línguas trazidas ao Brasil pelos africanos são as que se falavam nas regiões de onde partiam essas rotas e em regiões próximas: Golfo da Guiné, vieram línguas da família *GUA*: o eve ou jeje (da região do atual Togo, Benin e Gana), o fon e o maí (do Benin e da Nigéria). De Angola, vieram línguas da família *Banto*: o quicongo e o quimbundo (República Democrática do Congo, Congo e Angola), e o iorubá (Togo, Benin e Nigéria).

E os versos?

Pois bem, por muito tempo, isso é, até que a tráfico se intensificasse a ponto de tornar impossível essa prática, os portugueses evitaram que escravos da mesma etnia/mesma língua se concentrassem nas mesmas regiões da colônia. (ILARI; BASSO, 2006, p. 71).

Nos versos de Emicida, ele toma conhecimento da história da língua e demonstra em seus versos o poder do colonizador sobre as vidas dos povos vindos de África sem deixar de criticá-los, em uma ânsia de dizer: “olha o que fizeram conosco”.

Nos versos de Emicida, podemos perceber também a presença do “pretuguês” como afirma Lélia Gonzales,

(...) aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o l ou o r, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (GONZALEZ, 1988, p.70).

Portanto, a proposta de interpretação literária baseia-se na lógica e na hermética de Eco (2016). Ao interpretar logicamente um texto, busca-se conhecer os significados mais

superficiais, para ir de encontro da interpretação hermética, que é se aprofundar mais no texto, procurando por questões mais complexas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este artigo sirva de base aos professores que buscam destacar o lugar de fala de seu aluno em um mundo fragmentado pelo capitalismo como o nosso. É importante ressaltar como os versos de Emicida fazem sentido aos adolescentes em um país tão desigual como o Brasil. Também é preciso deixar o aluno a par da História da língua e também da nossa História como construção de nossa sociedade hoje.

Muitos textos de relevância não estão disponibilizados em nossas bases curriculares, portanto, torna-se urgente procurarmos inseri-los em contexto históricos e sociais de nossa cultura tão rica e colorida. A intertextualidade possibilita trazer à tona textos que nos remetem a outros textos, fazendo com que não nos percamos naquilo que realmente importa, fazer o aluno refletir sobre sua condição social e buscar se inserir na busca ativa de melhores qualidades, sociais e educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOSI, Afredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2016. E-book Kindle.

EMICIDA; MOREIRA, Vinicius Leonard; SAMAM Renam. *Ismália*. In: **Amarelo**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, nº. 92/93, Rio de Janeiro, jan./jun, 1988.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs.

GUIMARAENS, A. **Melhores poemas de Alphonse de Guimaraens / seleção de Alphonse de Guimaraens Filho**. 4 ed. São Paulo: Global, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente – a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

O'HARA, Larissa. **O Simbolismo em Ismália**. In REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 3, ano 10, n. 14, 2014.

TOELNTINO, Joana. **Descolonização, filosofia e ensino: compartilhando vozes de filósofas latino-americanas**. In: Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul v 2, n. 1, 2018.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Formado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Bandeirante – UNIBAN; com pós-graduação em “Literaturas de Língua Portuguesa- Brasil, Moçambique e Portugal: diferentes olhares” pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo); é mestrando em Letras, programa Proletras, pela UNESP (Universidade Júlio de Mesquita Filho), câmpus Assis-SP. É

professor efetivo da rede pública estadual desde 2010, ministrando aulas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio.